

No Brasil, água pura e baixo nível de doenças

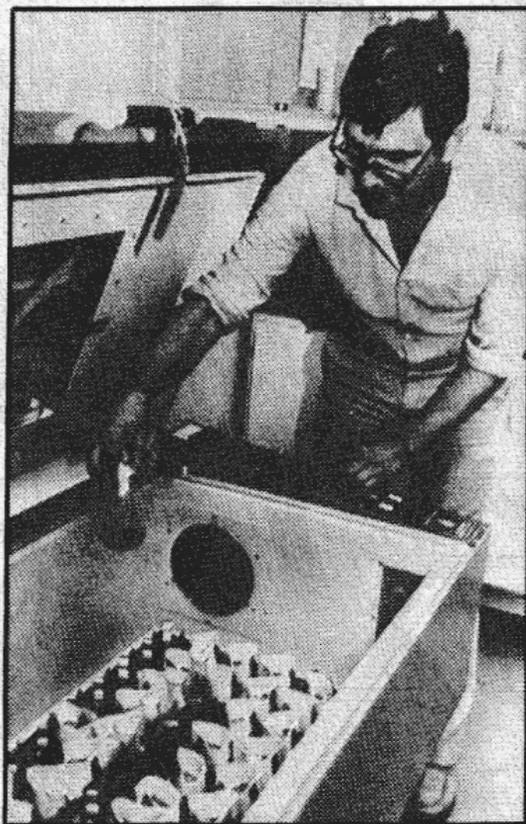
SÃO PAULO — Como não está ainda classificada em toda a sua extensão, a *Chromobacterium violaceum* encontrada no Rio Negro tem recebido apenas um genérico *Cepa braziliensis* aposto ao nome para diferenciá-la de outras bactérias da mesma família, que se desenvolvem no solo próximo aos rios das Filipinas e do Vietnam.

Há, porém, uma diferença essencial entre a bactéria da bacia amazônica e suas parentes asiáticas, altamente patogênicas e capazes de matar uma pessoa em 48 horas. A *Braziliensis*, ao contrário, tem acentuada atividade como antibiótico natural.

Agrupada aos milhões em colônias, a *Chromobacterium violaceum* produz um pigmento de cor violeta, a violaceína, que muda de cor na presença de outros elementos. Apenas a incidência da luz já faz com que o pigmento passe a variar do amarelo escuro ao marrom, surgindo daí a cor característica que dá nome ao Rio Negro.

Sua fixação nessas águas, aparentemente ocorre em função do grau de acidez do ambiente. O Rio Negro tem Ph variável entre 4 e 5,3 ou seja, bem mais ácido que os rios chamados "brancos", como o Amazonas (de Ph entre 6 e 6,5) e os verde-azulados, como o Solimões. Com a mudança de Ph, quando o Negro se une ao Solimões para formar o Amazonas, a bactéria desaparece.

Para os pesquisadores, não é uma simples coincidência o fato de a bactéria só ser encontrada no Rio Negro e, justamente nele, verificar-se uma grande pureza e cristalinidade da água, além da baixa fertilidade. Aparentemente a *Braziliensis*, única *Chromobacterium violaceum* conhecida que não tem qualquer efeito patogênico, contribuiu decisivamente para o baixo nível de doenças endêmicas verificado nas populações ribeirinhas, onde não se encontra malária ou o Mal de Chagas.



O pesquisador examina as culturas